

Crônicas para ler e ouvir

Volume 3

Organizadores

Luciano Victor Barros Maluly

Daniel Azevedo Muñoz

Carla de Oliveira Tôzo

Deyse Alini de Moura

Felipe Parra

Felipe Priante

Thais May Carvalho

CRÔNICAS PARA LER E OUVIR

VOLUME 3

Luciano Victor Barros Maluly

Daniel Azevedo Muñoz

Carla de Oliveira Tôzo

Deyse Alini de Moura

Felipe Parra

Felipe Priante

Thais May Carvalho

(Organizadores)

ECA-USP - 2023

CRÔNICAS PARA LER E OUVIR

VOLUME 3

Luciano Victor Barros Maluly

Daniel Azevedo Muñoz

Carla de Oliveira Tôzo

Deyse Alini de Moura

Felipe Parra

Felipe Priante

Thais May Carvalho

(Organizadores)

ECA-USP - 2023

*Para Daniel Azevedo Muñoz,
pelas contribuições ao
ensino do radiojornalismo na
Universidade de São Paulo.*

"Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada"

Capa: Felipe Parra

Diagramação: Daniel Azevedo Muñoz

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Jr.

Vice-reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Vice-Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Departamento de Jornalismo e Editoração

Chefe do Departamento: Prof. Dr. Luciano Guimarães

Vice-chefe do Departamento: Prof. Dr. Wagner de Souza e Silva

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C947 Crônicas para ler e ouvir [recurso eletrônico] : volume 3 / organização Luciano Victor Barros Maluly ... [et al.]. – São Paulo: ECA-USP, 2023.
PDF (71 p.)

ISBN 978-65-88640-96-8
DOI 10.11606/9786588640968

1. Radiojornalismo. 2. Jornalismo literário. 3. Crônica. I. Maluly, Luciano Victor Barros.

CDD 22. ed. – 070.194

Elaborado por: Lilian Viana - CRB-8/8308



Índice para catálogo sistemático

1. Comunicação: 302.2

Comercial

Sem derivação

Creative Commons 4.0

Atribuição, Não

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
AMARELO	8
Colorindo Sentimentos	9
<i>Damaris Caroline Lopes</i>	
Polpa	11
<i>Diogo Mendonça Leite</i>	
Consolação-Paulista	13
<i>Isabel Cristina Vernier</i>	
Campo Amarelo	15
<i>Isadora Chaves Coelho</i>	
Viagem Amarela	16
<i>Leticia Naome de Araujo Arima</i>	
Tacos	18
<i>Mateus Cerqueira</i>	
Da Paixão ao Desapego: Quando o amarelo do miojo perdeu a cor	20
<i>Rafael Pomar</i>	
Pesadelo à Luz do Dia	22
<i>Victoria Bahia Cancado Pacheco</i>	
AZUL	24
Disciplina Azul	25
<i>Fernanda Umezaki Real</i>	
Deus Não é Brasileiro	27
<i>Gabriele dos Santos Koga</i>	
Ícaro	29
<i>Guilherme Felipe Gonçalves Bento</i>	
O Voo	31
<i>Leonardo Nascimento Vieira</i>	
A Terra é Azul e eu Também	33
<i>Lucas Torres Dias</i>	
A Chuva é Incoerente	34
<i>Murillo César Alves</i>	
Entre Cores e Bandeiras	36
<i>Pedro Fagundes de Mendonça</i>	
PRETO	38
Sufoco Urbano	39
<i>Adrielly Kilryann Pereira Nobre de Oliveira</i>	
Meu Pior Inimigo	41
<i>Ana Júlia Rocha Maciel</i>	
Gato Preto	43
<i>Ana Paula Medeiros</i>	
Modernidade Soturna	45
<i>Erick Gonçalves Lins</i>	

Contra o Tempo	47
<i>João Vitor de Lima Dall’Ara</i>	
No Breu da Insônia	49
<i>Mariana Laganaro Rossi</i>	
Exorcismo Automobilístico	51
<i>Rian Enrique Damasceno da Silva</i>	
VERMELHO	53
Ira, Raiva Vermelha	54
<i>Breno Rocha Queiroz</i>	
Da Cor da Vida	56
<i>Danielle Alvarenga Vale da Silva</i>	
Vermelho Político	58
<i>Fernando Américo Cardoso</i>	
Experiência Imersiva: Voltando para casa	61
<i>Gabriela Ferreira Lima</i>	
Bonecas de Vidro	63
<i>Guilherme Oliveira Castro</i>	
Perigos Nada Aparentes	65
<i>Guilherme Valle</i>	
Delírio Real da Paixão	68
<i>Maria Vitoria Borges de Faria</i>	
REFERÊNCIAS	70

Introdução

Este livro é o terceiro da série *Crônicas para ler e ouvir*, que reúne textos produzidos pelos alunos da disciplina *CJE 0603 - Radiojornalismo* do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

As crônicas foram elaboradas, primeiro, para o formato impresso, com o objetivo de aperfeiçoar a escrita dos estudantes e, também, pela oportunidade de divulgar o trabalho para o público leitor por meio de um *e-book* com acesso gratuito pelo Portal de Livros Abertos da USP.

No segundo momento, as crônicas foram adaptadas para o formato em áudio, tendo como finalidade a produção de edições a serem veiculadas, em 2024, no programa Universidade 93,7 da Rádio USP, assim como disponibilizados como *podcasts* pelo Jornal da USP e no repositório do Programa Universidade 93,7.

A produção deste segundo semestre de 2023 seguiu a ideia de viabilizar temas por meio de cores escolhidas pelos alunos. Sendo assim, a sala foi dividida em quatro grupos identificados pelas cores amarela, azul, preta e vermelha.

Sendo assim, os produtos constituíram uma série que contou ainda convidados especiais para comentar as crônicas, especialmente o conteúdo e os recursos sonoros utilizados.

A equipe de editores contou com a presença do professor responsável da disciplina, Luciano Victor Barros Maluly e com os alunos de pós-graduação de Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Carla Oliveira Tôzo (doutorado) e Thaís May Carvalho e Felipe Priante (mestrado) e da pós-doutoranda Deyse Alini de Moura, além dos professores Felipe Parra, doutor pela ECA-USP e professor da Universidade Paulista (UNIP) de Sorocaba e Daniel Azevedo Muñoz, doutorando em História Contemporânea pela Universidade Autônoma de Madri, na Espanha.

A ideia deste livro é fomentar produtos em multimídia, assim como estimular a comunidade uspiana a divulgar os trabalhos realizados dentro da instituição. Com isso, pretendemos fortalecer o conceito de Universidade Aberta, criando vínculos externos oriundos de iniciativas de ensino e de extensão.

Boa leitura!

Equipe Editorial

AMARELO

Colorindo Sentimentos

Damaris Caroline Lopes

– Mamãe, qual cor você acha que tem o amor?

– Que cor tem o amor? Acho que vermelho!

– Por quê?

– Porque tudo relacionado ao amor é vermelho, coração é vermelho, a cor do dia dos namorados é vermelho. Mas, por que você tá me perguntando isso?

– Durante a pandemia, eu escutava muito o último álbum do Emicida. Sabe, aquele cantor de rap? Acho que já te falei dele. Então, ele lançou um CD novo, no fim de 2019, que casou muito com o momento da pandemia. As músicas falavam muito sobre união, relações afetivas, força e resiliência. E, na música principal do álbum, ele fala que o amor é amarelo.

– Amarelo? Como assim?

– Eu também não sei explicar muito bem. Mas, na letra dessa música, ele parecia descrever o amor. E é legal que você disse que o amor parece vermelho, eu também pensava assim. Mas, acho que um amor romântico entre um casal poderia ser vermelho. Nessa música, ele fala sobre outros tipos de amor, algo mais comunitário de união e empatia com tudo e todos. Até da nossa relação com a terra ele fala. Alguns trechos ficaram bem famosos, como: “Tudo que nós tem é nós”.

– Verdade, na pandemia você vivia falando isso, nem sabia que isso fazia parte de letra de música.

– Sim, faz parte dessa música que eu estou te falando. E ela ficou bem famosa, não só essa música, mas todo o álbum dele. Acho que justamente por propor uma nova visão sobre o amor bem na época tenebrosa da Covid, no começo de 2020, quando todo mundo estava sensível, refletindo sobre o valor das pessoas e sobre a importância dos momentos de união. E realmente, “tudo que nós tem é nós”.

– E você? Que cor você acha que o amor tem?

– Engraçado, eu também achava que era 100% vermelho. Mas, atualmente, eu consigo enxergar o amor em duas cores. Vermelho, um amor romântico. Por exemplo, todas as flores que o Mateus me deu são vermelhas e se ele tivesse uma cor na minha

vida, seria vermelho. Mas, quando lembro de você, das minhas amigas e dos outros laços que eu tenho, eu concordo que o amor pode ser amarelo, sim. Acho que de tanto que eu ouvi esse álbum e essa música, amarelo se tornou uma cor afetiva para mim. Vou botar um pedaço da música para você escutar.

- E aí, gostou?
- Legal. Qual nome dessa música mesmo?
- Principia.
- E o nome desse álbum?
- Amarelo.

Polpa

Diogo Mendonça Leite

As mangas caíam no quintal atrás de nós. Diz ela que manga tem cheiro de Natal. Aparentemente é a época em que elas nascem no pé. Eu, menino de apartamento, não fazia ideia disso.

Dezenas de polpas pintavam o congelador de amarelo. Ali as mangas sobreviveriam pelo menos o verão inteiro. Mas não havia congelador capaz de comportar a produção daquela enorme mangueira, e o que ficava espalhado no quintal tinha de ser recolhido e levado para longe, afugentando o fedor de mangas podres e a proliferação de abelhas.

Na hora de recolher as mangas, assim como em quase qualquer hora ali, eu era bem inútil. Com habilidade física nula, não servia para quase nada na roça. É sempre bem constrangedor, porque dentre os namorados que as primas todas levam para lá, eu sou sempre o único garotinho de apartamento, e o jeito de “homem meio bicha”, de cabelo e unha grandes e meio delicado, já faz todo mundo supor (acertadamente) que eu não me encaixo muito bem naquele universo.

Essa impressão faz com que todos tenham muito pudor de me pedir ajuda para qualquer coisa, ou mesmo de me deixar ajudar. Daí que, por vezes, ficava na rede só vendo minha sogra e minha namorada recolherem mangas, fotografando. Aliás, é isso que sou lá, fotógrafo. Minha namorada sempre repreende esse meu interesse, que compara pejorativamente ao de um Sebastião Salgado – para ela, tiro tantas fotos porque me impressiono com coisas que eu, garoto de apartamento, associo à pobreza ou a algum subdesenvolvimento.

Entendo que às vezes minha fotografia é um pouco estereotípica, e que há uma preocupação justa quanto a como essas imagens estereotipadas geralmente são lidas por outros garotos de apartamento como eu. Não acho, contudo, que isso deveria se sobrepor à necessidade de fotografar esse universo. Seria como censurá-lo partindo do pressuposto (errado) de que não é bonito.

Mas agora, deitados os dois na rede de casal amarelo manga, maravilhosa invenção que descobri por lá, me abstenho das fotos. Sempre volto para casa com poucas

fotos nossas. Sempre tiro poucas fotos nossas, e poucas dela, que não gosta de ser fotografada. Meu interesse puramente antropológico pela fotografia me impele ao fracasso quando me pedem uma foto posada e ao desinteresse por temas que dizem respeito à minha própria vida. Acho, inclusive, que isso faz todos ali pensarem que nem para fotografia eu sirvo muito.

Muito tímido em qualquer canto da roça, nessa rede falo muito e rio alto. Já sinto uma pontada de tristeza pressentindo o dia de ir embora. Mas talvez seja melhor assim: congelamos bastante polpa, para garantir um bom suco de tempos em tempos, e não largamos manga parada muito tempo no quintal, para não deixar nada apodrecer ou se encher de abelhas.

De repente, ela se levanta gritando e sai correndo em direção à mangueira: uma vaca passou pela cerca do quintal, veio caçar umas mangas aqui. É preciso colocá-la para fora com urgência. Eu corro para o outro lado, preciso buscar a câmera.

Consolação-Paulista

Isabel Cristina Vernier

Saindo do metrô, me preparo para enfrentar a baldeação quase infinita. Depois de quinze minutos em pé sendo quase esmagada, junto energia pra andar pelos corredores subterrâneos da Avenida Paulista. O tempo do caminho exato eu não sei direito, mas, de acordo com a minha *playlist*, equivale a *Voulez-Vouz* inteira do ABBA. É uma boa música para se ouvir numa caminhada caótica e superlotada. Tá Descontrolada, de Pabllo Vittar e MC Carol, também funciona.

Para me entreter e acordar meu cérebro entorpecido que se recusa a acompanhar meu corpo, fico prestando atenção na publicidade gigante que cobre todo o túnel. Percebo cada detalhe, decoro cada cor, cada elemento, cada palavra. A melhor parte é tentar adivinhar qual será a próxima publicidade de acordo com as estreias do mês anunciadas pela *Netflix*. Fico feliz quando eu acerto e fico mais feliz ainda quando trocam por um novo adesivo de quase 15 metros com mais detalhes que o anterior. Nova fase do meu jogo imaginário desbloqueada.

Cruzar de uma linha pra outra é como cruzar um portal. Na Linha-2, tudo cinza, escuro, pessoas correndo, pessoas com o uniforme da empresa, pessoas estressadas, idosos, crianças, músicos, vendedores de bala, pedintes, vendedores de fone de ouvido *bluetooth* a vinte reais.

Na Linha-4, tudo claro, iluminado, leve. Telas de publicidade, jovens, pessoas de terno, pessoas de salto, gringos, brasileiros telefonando para gringos, pessoas falando línguas que eu nem sei quais são, estudantes da USP, estudantes do Mackenzie, pessoas usando fones *bluetooth* oficiais da *Apple* comprados em lojas oficiais da *Apple*. Mas aqui as pessoas também correm e estão estressadas. É São Paulo, todos correm e estão estressados.

Portas de segurança, estofado nos bancos, saxofone tocando entre os avisos da próxima estação, trens sem motoristas, seguranças com acúmulo de função que não podem nem fazer greve. Seiscentas mil pessoas por dia passam por ali. Eu sou uma delas, meus amigos também, as outras quinhentas e oitenta mil são desconhecidos correndo pela cidade com quem eu trombo na fila que se forma para descer a escada rolante.

Enquanto desço, vejo meu trem chegando e uma longa fila na frente de todas as portas. Será que consigo entrar nesse? As portas se abrem e o que parecem milhares de pessoas saem do trem como se fossem água represada. Ando rápido tentando não ser levada pela avalanche. Assim que chego próximo à porta, a luz laranja pisca e sei que agora já não dá mais tempo. Ouço o alarme no fundo. Eu ouviria com mais clareza se *Tyler, The Creator* não estivesse tão alto no meu fone de ouvido. É, definitivamente vou ter que entrar no próximo.

Mas ele não demora muito pra chegar. Deixo a avalanche passar por mim e entro. Fico na porta porque desço na próxima estação. Da Paulista até a Oscar Freire dá meia música ou menos. Saio do trem quase correndo, não quero me atrasar. Agora são mais 5 lances de escadas rolantes. Dá pra terminar a música que comecei quando entrei no trem e ouvir um terço de outra. Está chovendo, as pessoas se amontoam para alugar os guarda-chuvas. Eu pego o meu na mochila e saio da estação. Por volta das sete e meia da noite, eu volto e faço o caminho inverso. Eu, ABBA e *Tyler, The Creator*.

Campo Amarelo

Isadora Chaves Coelho

A primeira coisa que vem à minha mente quando penso em amarelo é esse momento: a minha banda favorita tocando nas festas da minha cidade. Acabo de escutar um fragmento de um vídeo que gravei no último show deles, o começo de uma música chamada Campo Amarelo em homenagem ao poeta Antonio Machado. No início do século XX ele publicou um livro chamado *Campos de Castilla*, que descreve a paisagem da região onde eu cresci, definida pelas suas amplas plantações de trigo. Assim, esse manto amarelo se tornou um símbolo da nossa terra. As imagens retratadas nos poemas dele refletem uma preocupação política pelo atraso que a Espanha estava passando naquela época, reivindicando a renovação do país.

La Maravillosa Orquesta del Alcohol é uma banda formada por sete garotos da minha cidade, Burgos. Como podemos ver na música, a obra do Antonio Machado continua sendo uma fonte de inspiração artística, incentivando uma crítica sobre a situação do país, especialmente nas regiões do interior, que estão ficando vazias e envelhecidas por causa da emigração dos jovens para os grandes centros urbanos. Com essa canção encerram todos os shows: os músicos vão deixando seus instrumentos, e somente permanece o som da guitarra e a voz rouca e quebrada do vocalista principal. Todo o público canta junto e muitos se emocionam com a letra na qual ainda podemos escutar o eco das palavras de Machado, um poema ao campo amarelo que chora solitário e cansado.

Viagem Amarela

Leticia Naome de Araujo Arima

Manhã do dia 2 de setembro de 2023. Tudo o que eu enxergo de dentro do *Uber* está em um tom banana. Algumas nuvens finas funcionam como uma espécie de filtro que reduz o amarelo da luz do sol.

Apesar disso, o filtro do meu óculos faz com que as coisas ganhem ainda mais essa tonalidade, a qual me dá uma sensação maior de alegria. Logo mais, pegaria a estrada para a praia ao lado de quem eu amo.

Chegamos na Patriarca, Zona Leste de São Paulo, e lá adentramos o carro que nos levaria ao nosso destino.

Durante o caminho, o sol foi subindo e aquele tom de amarelo banana foi se tornando cada vez mais vibrante e cobrindo a estrada que estávamos viajando, a Mogi-Bertioga. O rancho da pamonha que paramos tinha a cor da espiga de milho. Essa cor, que nos acompanhava não só pela luz, mas em diversos elementos que víamos, me confortava.

O único incômodo naquele momento talvez fosse as faixas amarelas que demarcavam a via de mão única. As ultrapassagens eram raras e, de certa forma, causavam um pouco de medo. Quando não eram possíveis, carros em velocidade mais devagar prolongavam a chegada ao paraíso.

Apesar do calor da estrada, quando chegamos em Boraceia os tons estavam mais para banana outra vez, pois as nuvens e a mudança de tempo haviam esfriado o local. Na praia, nada de amarelo forte, somente um milho com manteiga que comemos ou a cerveja que os outros levaram.

No dia seguinte, estava lá a cor do jeito que gostamos para ir à praia. O seu calor era presente já de manhã. Comi um pão com manteiga. Manteiga era a cor da tanga que levava para aproveitar esse dia dourado, não só por causa do sol, mas pela alegria de relaxar um pouco no litoral norte de São Paulo.

Ao final da tarde, voltamos para a casa e fizemos um churrasco. A fogueira amarelada assava aquele maravilhoso pão de alho, enquanto a luz do sol dava lugar às luzes de mesma cor que ficavam ao lado da piscina.

Estava chegando o fim da viagem. Ainda fomos a um lugar com *food trucks*, com chão de areia e iluminação de mesma tonalidade.

Hora de ir embora. Pegamos a Rio-Santos. Enquanto íamos em rumo à capital paulista, faróis de carro e postes de luz iluminavam a escuridão entre serra e mar, com o amarelo que nos acompanhou durante toda a viagem. E a rodovia não era mais banhada pela luz direta do Sol, mas sim por sua luz indireta, que era refletida pela belíssima lua minguante amarelada.

Tacos

Mateus Cerqueira

– Ei, moça. Por favor, vou querer essa opção de rodízio, com *nachos*, *tacos al pastor*, *tostaticos* e *quesadilla*.

– Para beber, um suco de abacaxi com hortelã.

– Obrigado!

Pelo pedido, já deve ter observado que estou em um restaurante mexicano. O dia em questão é 13 de maio, meu aniversário.

No restaurante, uma excelente comida que perfuma o ar e música ao vivo tocada por um grupo de *Mariachis*.

A combinação ideal e característica do México, que tem excelentes pratos e ritmos que só podem ser encontrados em restaurantes com essa temática.

Mas algo a mais chama a atenção... no rodízio proposto pelo restaurante (com as opções que acabei de citar), a maioria dos pratos guarda uma similaridade: a cor amarela.

Uma tonalidade presente não somente na comida, mas também nos adereços dos grupos de *mariachis* que embalam a nossa noite com boas músicas.

E no país latino-americano, o amarelo está presente em numerosos aspectos da vida dos mexicanos.

Desde as festividades, como *El Día de los Muertos*, nos trajes, como dos grupos musicais de *mariachis* e também na gastronomia, a exemplo dos tacos.

Bom, você já deve estar imaginando que aproveitei à beça esse restaurante. Cantei e provei dos melhores pratos, com a minha namorada.

Prova disso é eu cantando *Mexico Lindo y Querido*, de Jesús Monge Ramírez, com *los mariachis*. Escuta só:

México lindo y querido, si muero lejos de ti
Que digan que estoy dormido
Y que me traigan aquí
Que digan que estoy dormido
Y que me traigan aquí
México lindo y querido
Si muero lejos de ti

Deu pra observar que eu canto muito bem. Mas brincadeiras à parte, meu interesse pela cultura mexicana com suas várias cores, e, particularmente, o *amarillo*, como eles

chamam o amarelo por lá, é que peguei gosto pelo país a partir da influência do meu pai que era um grande fã da cultura mexicana.

Sobre a comida, pena que você não vai poder experimentar apenas me ouvindo aqui. Mas eu posso te dar um descritivo do meu prato preferido, os tacos:

Eles são uma iguaria de massa fina e cor amarelada, com formato similar a uma cesta, e com recheios que podem variar entre salgados e doces, sendo os salgados os mais comuns.

No dia do meu aniversário, pedi o mais tradicional, que conta com carne bovina desfiada, tomate, cebola, alface, um leve toque de pimenta e outros temperos. Imagina só a explosão de sabores.

Mas além do *rico* gosto, os tacos de cor amarelada também têm história:

Especula-se que eles foram inventados pelo imperador asteca Moctezuma, entre 1300 e 1400.

De lá pra cá, eles se popularizaram entre a população do campo, que levavam a comida, desde feijão à carnes, enroladas nas massas dos tacos para preservar os recheios.

Hoje, ele é um prato típico do México e muito popular em outras culturas, e quase sempre é acompanhado de guacamole (um molho gostoso que vai abacate).

Então, se você ainda não experimentou os tacos, não perca mais tempo.

Sem sombra de dúvidas, você não vai se arrepender.

Meu nome é Mateus Cerqueira, y *hasta luego!*

Da Paixão ao Desapego: Quando o amarelo do miojo perdeu a cor

Rafael Pomar

Com oito anos foi a primeira vez que preparei um miojo, me apaixonei pelo cheiro do seu vapor. Logo, quando ficou pronto, percebi instantaneamente que aquele breve tempo no fogão era incrivelmente prático. Valia a pena o esforço mínimo, o resultado era uma deliciosa e fácil refeição.

A partir desse momento, os três minutos dedicados ao miojo se tornaram um ritual familiar, um breve momento para criar memórias, estreitar laços e compartilhar histórias. Era como encontrar um refúgio quando estava longe de casa, uma maneira de me conectar com entes queridos distantes.

O sabor instantâneo e a satisfação imediata faziam com que em casa todos nós ignorássemos os riscos nutricionais ocultos no rótulo. Foi só na adolescência que deixaria de idealizar o miojo. Pela primeira vez tinha ciência do significado de um alimento ultraprocessado. Sentia temor dos altos níveis das suas gorduras e dos seus aditivos químicos.

Questionava também minha relação familiar. No último ano de escola, depois de minha primeira aula sobre Bauman, não pude evitar associar seus conceitos ao miojo. Percebi que esse macarrão instantâneo era um reflexo da sociedade líquida que ele descreveu. Minhas relações interpessoais que envolviam o miojo eram na verdade efêmeras e voláteis.

Aliás, comparado à preparação de pratos como arroz, massa, ou feijão, o ritual do miojo era muito mais dinâmico e individualizado, tão conveniente que acabava por sufocar as interações sociais. Afinal de contas, são apenas três minutos.

No fim, percebi que a relação que o miojo promovia com minha família era uma metáfora perfeita para a sociedade contemporânea, sempre em busca de soluções rápidas para as demandas agitadas do cotidiano. Entretanto, essa relação fugaz é uma das únicas que nos resta.

Hoje, o miojo, com suas memórias de infância e praticidade irresistível, ainda tem um lugar especial em meu coração (e em meu estômago). No entanto, agora ele divide espaço com escolhas mais conscientes e saudáveis.

Acho que finalmente consegui mediar as coisas: busco encontrar um equilíbrio entre permitir indulgências e cuidar da minha saúde. Afinal, a comida é mais do que apenas nutrientes; ela é cultura, memória e conexão, e revela muito sobre quem somos.

Pesadelo à Luz do Dia

Victoria Bahia Cancado Pacheco

Era 7 de setembro de 2022, data em que o Brasil completava 200 anos como uma nação independente. Acordei assustada naquele dia. Por um breve momento, estranhei o quarto onde eu me encontrava, que parecia diferente, mas, ao mesmo tempo, muito familiar. Bastaram alguns segundos para que eu me lembrasse de que estava na casa onde cresci, no interior de Minas Gerais. Mas o que realmente me assustou naquela manhã foram as buzinas de carro estridentes que eu ouvia pela janela.

Previendo o que seria aquela sinfonia irritante, abri lentamente as cortinas, não sem antes respirar fundo e tentar me preparar para a visão que me aguardava. À medida que os fortes raios de luz adentraram o quarto, a causa daquele barulho foi se revelando diante dos meus olhos.

Era uma carreta que passava por uma das principais avenidas daquela cidade conservadora e movida pelo agronegócio. Não se tratava de uma celebração da independência, mas, sim, de uma homenagem a um certo presidente. Um homem que nada tinha de convencional. Era a autoridade máxima do país, mas não ligava para o decoro do cargo e estava sempre pronto para insuflar os seus apoiadores radicais.

Os participantes daquela carreta eram os típicos seguidores desse político. Eles estavam em caminhonetes de luxo e, uma minoria, em carros populares. Mas uma coisa todos tinham em comum: a cor amarela. Ou melhor: verde e amarela. Os tons estavam presentes em roupas e também em bandeiras e adesivos colados nos carros. De longe, tudo o que se via era uma grande onda amarela.

O amarelo é uma cor frequentemente associada à alegria e ao otimismo. Porém, naquele momento, me senti tudo, menos otimista. Afinal de contas, me encontrava diante de uma multidão que não apenas ignorava os erros desastrosos de um governo, mas que pedia bis. Ignorava uma montanha de mais de 700 mil mortos por Covid-19. Aparentemente não se importava que o Brasil havia retornado ao Mapa da Fome.

Repassei tudo isso na cabeça. Até que me afastei da janela, saí do quarto, e fui para a sala de televisão. Com o mesmo receio de antes, segurei o controle remoto por um momento, com medo do que estava prestes a ver no noticiário. Quando finalmente apertei

o botão de ligar, dei de cara com o tal presidente fazendo o tradicional discurso do 7 de setembro.

Ele falava de um trio elétrico, na Esplanada dos Ministérios, diante de uma multidão amarela. Muitos apoiadores que ouviam a fala carregavam cartazes clamando por uma intervenção militar. O pequeno homem com a faixa presidencial usou aquela importante ocasião como palanque político.

Achei melhor desligar o noticiário e fechar novamente as cortinas. Uma hora aquele pesadelo em plena luz do dia teria que acabar.

AZUL

Disciplina Azul

Fernanda Umezaki Real

A regra é simples: deve-se usar uniforme nas cores branca, azul marinho e um par de tênis azul, preto ou branco.

A minha infância inteira eu estudei em colégio católico e isso sempre pareceu normal, ou melhor, algo institucionalizado pela escola.

Não teve um dia sequer que não usei a camiseta branca, a calça de tãctel azul e um *Converse* preto! (podem tirar tudo de mim, mas não me tirem o *rock*). Se não, seria uma nota de repúdio do Instituto, rechaço dos pais e uma advertência. Sobrevivi.

Esses tons uniformes, em especial o azul, representavam a escola e a entidade responsável por ela. O uso deles era justificado pela identificação dos alunos, com todos eles de azul marinho.

Via como uma tentativa frustrada de padronizar os estudantes, que traziam consigo diferentes tonalidades de um mesmo azulado. Alguns mais desbotados que outros; os mais jovens, com uniformes recém comprados, com azuis vívidos, e os irmãos mais novos com azuis mais largos herdados dos mais velhos.

Ali foi a primeira tentativa de apagar nossas individualidades. Não tivemos autonomia nem de escolher nossas próprias vestimentas para assistir às aulas, sem mencionar que a decisão entre as cores foi arbitrária: azul e ponto final.

Como eles esperam que sejamos bons profissionais, se não podemos ser capazes de decidir entre as mais variadas cores, isso se ignorarmos também o fato de que cada cor tem sua tonalidade e nuance diferente?

Depois de um tempo, eu desencanei, cresci e surgiram outras cores, para além do azul, que eu fui me preocupar. Com elas, novas sensações e emoções também.

E na real, o uso de uniformes pode até ajudar o bolso, já que eles substituem as roupas do dia a dia, o que também acaba poupando um pouco o tempo de escolha de qual peça e cor combinam. Se fosse ter que escolher entre azul marinho e azul, as chances da aparência dar errada é quase nula, de 50%. E o tempo otimizado em 100%.

Sendo os uniformes azuis corretos ou não, os mais seguros ou poupadores de tempo e dinheiro, a verdade é que ele foi fundamental para o reconhecimento de novas

cores. Sem o incômodo azul, o vermelho poderia não ser o mais apaixonante de todos, e o bege, o mais indiferente. De todo modo, minha cor favorita continua sendo a preta.

Deus Não é Brasileiro

Gabriele dos Santos Koga

Realmente tenho minhas dúvidas se Deus é lá brasileiro.

Se Deus fosse brasileiro teria dado um jeito de colocar neve no Brasil – e não seria artificial no parque *Snowland*, em Gramado, ou em Curitiba, em 1975, quando eu sequer existia no mundo.

Se o IBGE perguntasse qual é o maior sonho do brasileiro, a resposta vencedora seria ver neve. Quem não quer tomar um café quentinho ou um bom conhaque enquanto observa a neve cair do céu num frio de bater o queixo?

Tudo o que a gente quer ver, ao menos uma vez na vida, é a neve. É como se a nossa felicidade dependesse de viver um inverno digno de filmes natalinos clichês.

De fato, ver neve pela primeira vez é um momento inesquecível. A minha vida deixou de ser uma monotonia azul e os meses de dezembro e janeiro passaram a ser mais coloridos e felizes em um intercâmbio no inverno europeu.

Inspirada por uma aquarela não usual às terras brasileiras, qualquer pequena atividade se transformava em algo tão grandioso como uma final de Copa do Mundo.

Sair da aula para brincar no parquinho e fazer um boneco de neve? Dentro. Comprar um chocolate quente depois? Comemoro e tô dentro também.

A alegria foi tanta que eu precisei compartilhar com uma brasileira – sofredora – em um calor de 32°. Mãe, te peço desculpas agora, alguns anos depois, mas não pensei que você estaria suando horrores com o ventilador ligado às quatro horas da manhã, no Brasil, em pleno dia dois de dezembro – no mesmo momento em que te liguei por conta do fuso horário.

Preso em um verão infernal com bastante sol e um céu azul – chato e desgastante –, Cristina, minha mãe, jamais saberia o sentimento de escorregar no gelo e cair de bunda no chão. Um acontecimento deveras humilhante, mas um ótimo entretenimento para os nativos que por ali passavam.

Nem as quedas me abalaram. Chorei tanto que não pude guardar a emoção só para mim. Meu amigo canadense – que já viveu sensações térmicas inferiores à -40°C –,

provavelmente se sentiu em um episódio de *sitcom* ou talvez em um experimento social, quando viu uma brasileira brincar com a neve pela primeira vez.

Desde criança, sempre tive convicção de que amo o sentimento de andar pelas ruas como se estivesse dentro de um freezer.

Odeio mormaço e o bafo quente em dias de sol intenso e céu azul. Moro em um país tropical, não abençoado por Deus. Se Deus se preocupasse com a saúde mental e com a felicidade do povo brasileiro, haveria neve aqui.

Deus não é brasileiro, mas Santa Cristina é, já que ela não brigou comigo quando liguei de madrugada, toda encasacada, para mostrar que a suposta tristeza azulada de um inverno rigoroso se transformara em emoções tão coloridas quanto um arco-íris no verão.

Ícaro

Guilherme Felipe Gonçalves Bento

Se eu pudesse escolher um superpoder, com certeza seria voar! Olhar para o céu, para o seu imenso azul, sempre me despertou o desejo de poder me misturar a ele e me sentir sem peso, ameno e livre.

Por um tempo, quando meu pai estava tirando sua habilitação para piloto, eu sabia mais do que nunca que aquela seria a minha maneira de ganhar o céu. Na época, já estava ciente que eu não criaria asas e precisaria voar de outra forma.

Mesmo com todas essas certezas, não tinha jeito, eu tinha que testar se aquilo era para mim ou não. Tinha que saber se eu gostava ou não de voar.

O primeiro teste foi no voo que, aos meus 13 anos, decolou de Belo Horizonte com direção a Santos Dumont, no Rio de Janeiro, – aeroporto aos pés do Pão de Açúcar.

A experiência foi igual a todas as primeiras vezes de todas as outras pessoas que já voaram. Geralmente todo mundo sabe que dá um frio na barriga, que às vezes a gente acha que tá caindo e que a gente pode sentir o ouvido tapado.

No dia em questão tudo foi igual. Mas já na decolagem eu vi algumas coisas que chamaram atenção.

Era um voo bem no início da manhã. E, bom... ver o sol ainda nascendo em cima da capital mineira não foi a coisa mais simplória daquele dia até aquele momento. Nem reparei o frio na barriga.

À medida que fomos subindo até a altitude de cruzeiro eu segurava o chão do avião com a ponta dos dedos dos pés para que ele não caísse. A essa altura já estávamos longe do abraço da Serra do Curral na cidade.

Até o amendoim servido, apelidado carinhosamente de “Quebra-Dentes”, parecia bem mais gostoso e interessante, com “O Sonho de Ícaro” tocando em *loop* na minha cabeça.

Longe do horizonte eu vi uma mancha branca como a de uma nuvem. Pela velocidade de, em média 800 km/h, pensei que logo ultrapassaríamos ela.

Errado! Levamos uma hora para chegar até lá. Alguns buracos que o avião passou por cima, causando um balanço, me distraíram do anúncio de descida. Já era o Rio.

A razão de descida fez com que os meus ouvidos doessem, mas logo já estávamos passando pela baixada, pela linha vermelha e pelo Maracanã.

Mais um buraco na via. Era o trem de pouso abaixando.

Por fim, demos um tchau para o Cristo, mandamos um alô para o morro com bondinhos e nos alinhamos na pista do aeroporto.

Pousamos na minimalista ilha do aeródromo e logo fomos jogados para frente do assento pelos reversores freando a aeronave. Isso tudo, é claro, sem não antes alguém reparar que estávamos tão perto do mar – azul ou verde escuro do Flamengo – que parecia que iríamos mergulhar.

Uma hora de voo não parecia tempo o bastante para convencer um aspirante a assumir as próprias asas. Foi mais indescritível do que o esperado. Não sei se a liberdade era a questão, ou se eu tinha gostado das sensações, mas foi o primeiro passo para decidir se aquele era mesmo o meu superpoder.

O Voo

Leonardo Nascimento Vieira

“Filho, no final desse mês vamos viajar de avião para ver nossa família”. Lembro até hoje do dia que ouvi essa frase. Como um garoto apaixonado por heróis, esse era um dos meus maiores sonhos. E eu finalmente voaria, como Super Homem ou Goku faziam nos desenhos animados.

Fiquei ansioso para o dia. Minha mãe me falou que seriam três horas de voo, e eu tinha certeza de que elas seriam incríveis.

É verdade que não faria o deslocamento pela primeira vez. Quando era menor, enfrentei dias de estrada com meus pais em uma longa e cansativa viagem de ônibus. Agora, um pouco mais crescido, dessa vez foi diferente. O azul que observei através da janela do avião ficou marcado para sempre na minha memória.

Ansioso, quando chegou o dia da viagem, me arrumei antes de todo mundo. Quando me aproximava de Guarulhos, fiquei fascinado por ver aviões pousando e decolando tão próximos: “uau, eles são bem grandes”. Fiquei intrigado que aquilo eram os pequenos pontinhos de luz que via de vez em quando no céu noturno.

Após o *check-in*, me despedi de meu pai, um pouco cabisbaixo, e rumei para o portão de embarque com minha mãe e minha prima.

Quando cheguei lá, o avião já estava estacionado, muito imponente. Mas tomei para mim a missão de ser corajoso e não ter medo frente àquela grande invenção. Sorria para as aeromoças, e dava joinha para os comissários. Queria mostrar a todos que estava animado. Chegando à fileira de assento, corri para a janela. Não queria perder nada dessa experiência.

Minha bravura titubeou um pouco quando ouvi do comissário “tripulação preparar para a decolagem”. E logo a mão buscou o amparo materno. Fui jogado contra a poltrona, o avião estava acelerando e, quando as rodinhas já não tocavam mais a pista, senti um frio na barriga, que me acompanhou durante todo o processo de subida, principalmente nas manobras.

Quando o avião se estabilizou, voltei a ficar relaxado e enfim pude buscar respostas para aquilo que apenas imaginava. O dia estava ensolarado, e o azul era a cor

predominante quando olhava a janela. Mas o branco das nuvens invadia minha visão vez ou outra. Quando descobri que por dentro elas eram apenas mais do mesmo, fiquei desapontado. Mas pelo menos poderia contar aos amigos que entrei em uma nuvem.

Mas o fascínio veio de verdade quando fiquei acima delas. Era o céu, mas cheio de ilhas brancas abaixo. E, o mais incrível, vi com meus próprios olhos que o céu não era o limite, havia um azul ainda mais escuro acima: ali estava o espaço sideral.

A inocente mente infantil logo perguntou se seria possível o avião sair da terra se subisse mais um pouco. Não tive minha indagação respondida, e continuei apenas observando todo aquele azul durante o voo.

Quando ouvi nos autofalantes que iniciava-se o processo de descida, tive um baque. Gostaria de ficar ali observando o céu nas alturas por mais tempo, e quem sabe ver algum anjo, afinal era ali que me contaram que eles moravam. Mas durante a descida fiquei feliz quando percebi que vi o mundo da mesma forma que os meus super-heróis.

A Terra é Azul e eu Também

Lucas Torres Dias

O azul ocupava tudo, numa atitude quase meio violenta, sufocante, até meio fascista; o azul, num celeste decaindo para um marinho, engolia a corda, as algas e transformava todas as cores em si. Depois disso foi só pernada e braçada, como se aquela visão tivesse sido intensa demais para dar conta sozinho lá no mar. Ainda cheguei em último, mas devo ter economizado uns dois ou três minutos nesse desespero.

Dessa memória ficou uma sensação: o azul é mais cor do que as outras. A gente costuma pensar que cor é tipo número: oito e três são essencialmente a mesma coisa, só valores arbitrários diferentes. Mas como é imaginar o mundo das cores não sendo linear, com as cores não sendo equivalentes? Talvez algumas cores sejam mais profundas do que outras.

O artista francês Yves Klein, por exemplo, tinha um fascínio pelo azul, tanto é que ele chegou a “inventar” uma tonalidade da cor. Patenteou de Internacional Azul Klein, um azul ultramarino intenso e penetrante. Quase púrpuro, como se fosse grande demais para ter significado. O artista disse que a cor seria justamente a representação impossível do abstrato, do invisível, do vazio. Talvez não por acaso, azul também era a cor do caderno do Kafka.

Tem também aquela história de que os gregos antigos não viam o azul porque nunca descreveram ele. Às vezes o azul é esse tipo de coisa que é tão grande, tão óbvio, que fica até difícil dar palavra. Está no céu, no mar, na ilusão de montanhas distantes. Quase toda cor, se você forçar um pouco o olho, se torna azulada.

Se o azul fosse uma ação, seria ler um conto da Clarice Lispector. Essa sensação de que se você busca entender demais, a coisa se perde. A própria artista já falou, abre aspas, “para vermos o azul, olhamos para o céu. A Terra é azul para quem a olha do céu. Azul será uma cor em si, ou uma questão de distância? Ou uma questão de grande nostalgia? O inalcançável é sempre azul”. Fecha aspas.

A Chuva é Incoerente

Murillo César Alves

Noite de domingo. Desenho animado na televisão e uma coberta, até a altura dos ombros, esquentam e me protegem do frio que faz em São Paulo. Lá fora, galhos ressoam e batem na janela com uma tempestade torrencial. Chuva, para os íntimos. Gotas violentas estremecem a janela de vidro, como se Deus quisesse invadir o pequeno quarto, com cinco metros quadrados, na Mooca. A mesma criança, que se diverte com desenhos na TV, fica aterrorizada com os barulhos externos.

Claro, os sons assustam. A chuva – neste caso, uma tempestade com forças suficientes para destruir a Torre de Babel ou até mesmo o Cristo Redentor – não tem forma. Do quarto, se assemelha a uma força invisível: as gotas estremecem as bases do prédio e a janela, mas são sorradeiras. Imagino eu de onde elas poderiam vir. Se chegam com tamanho ímpeto em algo tão resistente como concreto e vidro, o que não fariam com a minha pele.

Tenho medo. Pego meus lápis de cor para lembrar a mim mesmo que estou seguro. No papel, as ideias se assemelham melhor a uma criança que tem a mente em construção. As gotas ganham um tom azulado – ainda que na vida real cheguem a uma tonalidade nula. O azul é, justamente, a cor que me lembra do meu maior medo na infância.

Anos depois, em uma conversa despreziosa entre amigos numa mesa de bar, ele ganha um nome: Pluviofobia. A ciência tenta, e consegue, explicar coisas que na infância não tem um porquê. Ora, temo a chuva porque ela irá me matar. Não é simples? Já vi uma formiga morrer com uma gota de uma fina garoa. O que um dilúvio, que nem o da Bíblia, não faria comigo?

O azul, do lápis de cor, me marcou durante uma série de anos. A água que eu bebo não tem cor, mas a da chuva sim. Ela é diferente, vem do céu, sem anunciar sua chegada, com barulhos estrondosos, de trovões e relâmpagos, que parecem anunciar o fim do mundo. Eu sou – ou, pelo menos, era – mais fraco do que uma formiga.

Assim como a infância fugaz, a chuva de verão se encerra sem alarde. A noite de domingo deixa de ser preenchida pelas trombetas do apocalipse e dá espaço para o silêncio sepulcral que levará para a segunda-feira. Em São Paulo, o garoto que desenhou

a chuva para se acalmar, se prepara para dormir, com a certeza absoluta de que, a qualquer dia, o prédio de concreto reforçado irá ceder ao ímpeto e violência da natureza.

De acordo com a psicologia, a cor azul traz tranquilidade. “Que hipocrisia!” – penso eu, aos quatro anos de idade – “como pode se, um dia antes, ela trouxe o anúncio do fim do mundo? Meus desenhos não podem mentir”. Quem me dera se os meus únicos problemas fossem brigar com o universo pela incoerência da cor azul das chuvas – que é uma própria criação da humanidade.

Noite de domingo. Desenho animado na televisão e uma coberta, até a altura dos ombros, esquentam e me protegem do frio que faz em São Paulo.

Entre Cores e Bandeiras

Pedro Fagundes de Mendonça

Não há nada tão natural quanto se apegar a futilidades. Tem quem dedique suas horas mais inoportunas a futebol, livros, carros, artistas *pop* ou – por que não – bandeiras. Sim. A implicante dedicação em identificar simples pedaços de pano, repartidos territorialmente, é ainda mais perturbadora.

Falo por experiência. Contra minha própria vontade, fui exposto a esse flâmico, excêntrico e deslumbrante conteúdo. A culpa da acidental infelicidade recai ao meu irmão. Em batalha secular de convencimentos e preferências, os dois combatentes – eu e ele – saímos, cada qual, com sequelas cruzadas. Ele, futebolista. Eu, bandeirólogo.

Entre aquarelas e flanelas, me encantou a simplicidade da Estônia. Com uma disposição tricolor, a bandeira – utilizada pelos fanáticos gremistas do *Twitter* – salta entre o branco, o preto e o azul. Diferentemente do que imaginam os porto-alegrenses, as cores não dizem respeito ao imortal, tampouco ao futevôlei praticado por Renato Portaluppi. Porém, ao horizonte estoniano em uma manhã de inverno qualquer. Em faixas horizontais, vemos o branco absoluto da neve, o preto característico dos pinheiros e, enfim, o estonteante céu azul. Com todo respeito às demais 193 nações, Porto Alegre afora, mas isso sim que é bandeira.

Sem ornamentos, estrelinhas, símbolos democráticos ou afins, recebemos o básico: um retrato da saudosa Estônia. País conhecido por ter enfeitado a primeira árvore de Natal, praticar o carregamento de esposa como esporte e ter ajudado na invenção do *Skype*. Tudo isso, com *wi-fi* e transporte público gratuito à população. O que – convenhamos – facilita para encontrar e, depois, carregar uma esposa de um lado a outro do país.

Mas além do **Grêmio**, do minimalismo e da modalidade pouco convencional, o que tanto atrai na bandeira estoniana? Talvez, o mesmo fator que separa 79% de Poá entre colorado e imortal. Futebol? Não. As cores. Especificamente, o azul e o vermelho. Responsáveis por distinguir *Vader* e *Luke*, *Tinga* e Renato, *Fogo* e *Água*, *Esquerda* e *Direita*, *Papai Noel* e *Papai Smurf*.

Para teóricos das cores, estudiosos e, claro, irreverentes donos de agências de marketing, o azul é absoluto. Com sobra, a cor mundialmente favorita. Mas por quanto? Não importa. As pesquisas – raramente creditadas – impõem uma pontuação de 45% de predileção. Isso, com margem de erro de 45%, sempre para cima. Mas quem liga para números? Falamos de cores. Falamos de uma preferência de 172 pokémons azuis contra 102 vermelhos. Falamos do azul de *Facebook, Dell, Ford, Unilever, Samsung, Disney, PayPal, LinkedIn*, do estoniano *Skype* e, até, do falecido *Twitter*. Mais importante, só o azul é penta.

São 119 países com bandeiras celestes. Divididas em diversos significados, como o céu, o mar, a paz, o *yang*, a união e a divisão, cruces nórdicas, a liberdade, o poder legislativo, conhecimento, pedido à Deus, fé, verdade, povos negros do Haiti e, até mesmo, uma homenagem ao Orange, na Holanda – vai entender.

Isso, contra 147 rubras. Qual o recado? Falta *branding* aos países. Menos George Washingtons e mais Washington Olivettos, Pois, surpreendentemente, montar um país não é a mesma coisa que vender um casaco. O tom da criatividade e segurança não convencem quem pretende governar uma nação. Até porque, houve mais lutas e crimes de guerras durante a humanidade, do que paz e tranquilidade. Nesse Grenal, ganha o Inter.

PRETO

Sufoco Urbano

Adrielly Kilryann Pereira Nobre de Oliveira

Foi quando assisti a um filme de suspense em 2012 que percebi como o aperto me incomodava. Assistir a uma cena em que a protagonista ficava presa em um porta-malas, suada e gritando sem que ninguém a ouvisse e pudesse socorrê-la, foi o maior terror que pude vivenciar durante aquela 1 hora e 41 minutos.

O frio na espinha que senti daquela vez foi o mesmo que senti 11 anos depois, e a cena claustrofóbica do filme se repetia em minha mente ainda que eu tentasse afastá-la. O que era para ser uma volta para casa do trabalho em uma quinta-feira qualquer se tornou um pesadelo.

Quando o metrô da Linha Amarela freou bruscamente, tudo ficou preto. Por alguns segundos, tudo o que eu e mais dezenas de passageiros abarrotados pudemos observar eram algumas telas de celulares acesas. Naquele breu subterrâneo, tentei me convencer de que seriam apenas alguns instantes de tortura.

As luzes logo acenderam – o que me deixou mais tranquila. Talvez não fosse tão ruim quanto minhas paranoias me faziam acreditar. Mas o vagão permaneceu parado, e assim foram 5... 10... 15 minutos. E nada. Os passageiros reclamavam e murmuravam incessantemente. Coloquei meus fones de ouvido de volta e fechei os olhos, dessa vez procurando uma escuridão que pudesse me tranquilizar.

O engraçado é que esse tormento já me acompanhava todos os dias. Sempre que observava as janelas escuras do vagão, me perguntava o que aconteceria se o metrô parasse e eu ficasse presa ali, embaixo da terra, em um túnel no qual não se via o fim.

As vozes ficaram mais altas. Abri os olhos e percebi que as pessoas estavam começando a ficar agitadas. Os vidros das janelas estavam embaçados. Era julho e fazia frio lá fora, mas a sensação do vagão era de uma câmara abafada e sem ventilação. As pessoas se empilhavam umas nas outras, afinal, eram seis da tarde, horário de pico.

Tentei falar com alguns amigos pelo celular, mas sem sucesso. *WhatsApp*, SMS, ligação: nada tinha sinal. Sabia que não poderia passar mal ali. Não confiava na boa vontade de estranhos pra me socorrer, ainda mais de um lugar que não havia saída.

As janelas se tornaram vítimas do desespero coletivo e os dispositivos de emergência foram acionados. Alguns passageiros conseguiram abrir as portas à força e pularam do vagão. Outros gritavam para fazermos o mesmo. Os seguranças não respondiam se deveríamos. Uma mulher estava hiperventilando e algumas pessoas tentavam, a curtos passos, abrir espaço para que ela descesse também. Novamente fechei os olhos. Se eu não olhasse o suficiente, talvez aquilo deixasse de ser real.

Quando finalmente fomos orientados para descer, eu, trêmula, segui a lenta fila para a porta mais próxima. Me concentrei antes de pular o vão, que era muito maior do que eu imaginava. Se pisasse em falso, poderia cair e ficar presa debaixo do trem.

Para sair, deveríamos andar sobre uma plataforma muito estreita acoplada na parede. Um pé na frente do outro, sem espaço de sobra. Quando finalmente alcancei a claridade da estação, o caos estava formado. Ali na Fradique Coutinho, dezenas de pessoas reclamavam sobre o transtorno. Para mim, o pior já havia passado. Agora era só descobrir outro jeito de voltar para casa.

Meu Pior Inimigo

Ana Júlia Rocha Maciel

Eu nunca tive medo do escuro. Mas o que vivia dentro de mim quando tudo se apagava sempre me assustou. Assim que o mundo todo vai dormir e o silêncio me ensurdece, questiono todas minhas escolhas feitas um dia. “Será que vou conseguir?”, “Será que deveria ter dito aquilo mesmo?”, “Será que vou ter um emprego?”, “E se eu morrer sozinha?”, “Será que desliguei o fogão e a luz da cozinha?”.

Por um momento, puxo a corda do abajur, a escuridão se vai e com ela vão todos meus pensamentos intrusivos. Lembro que existo, os outros também existem e tudo era como antes.

Mas, um dia, a corda emperrou. Nem se eu quisesse, não conseguiria acender a luz. Não escapava dos meus pensamentos e eu berrava, em silêncio, esperando que alguém notasse e acendesse alguma luz para mim, uma vela que fosse. Não importava a intensidade da chama, apenas que eu conseguisse ver algo que não fosse eu.

Tique-taque. O tempo passava e eu estava presa em uma ausência: de luz e de ordem. Como pode, algo que não vejo, ser tão bagunçado?

A voz dizia que tudo aquilo era minha culpa. Quem mandou você não se posicionar em 2007 ou ter respondido aquela amiga quando tinha nove anos. Toda a bagunça foi formada pelo eu do passado. Mas a eu do passado não sou eu? Porque ela voltou pra me assombrar?

Ela se sentou do meu lado, mesmo que eu não pudesse ver, e começou o monólogo (típico de mim):

“Você me traiu!”.

“Como poderia eu ter traído eu mesma?”, pensei.

“Você deixou de acreditar em tudo que um dia sonhei. Aliás, cadê todos seus *piercings* e tatuagens que um dia você me prometeu? Os protestos que você nunca foi? As verdades que você nunca disse? E os ideais que você nunca defendeu? É oficial, você se tornou uma frouxa! E nem pra ser uma frouxa bem sucedida. Meus parabéns!”.

Quem dera uma assombração tivesse me possuído.

São verdades demais para três horas da manhã e a corda do abajur continua emperrada. A única solução é conversar com outra aparição, uma que não me assuste tanto assim. Sento, pego um copo, posiciono minhas mãos sobre ele e canto todas as músicas da Xuxa de trás pra frente.

Gato Preto

Ana Paula Medeiros

Um casal leva uma vida pacífica na companhia de um misterioso gato preto. Mas tudo muda quando o marido se deixa levar pela bebida e acaba matando o animal em um acesso de fúria, desencadeando uma série de horrores.

Essa é a sinopse de O Gato Preto, conto do escritor norte-americano Edgar Allan Poe. Em pouco mais de 20 páginas, o homem narra os crimes cruéis que ele cometeu antes de ser pego pela polícia.

Tudo começou com seu gato Plutão, que a esposa detestava porque lembrava daquelas crenças antigas que falavam que gatos pretos eram bruxas diabólicas disfarçadas. Em um episódio de raiva, o marido arranca o olho do gato e depois enforca ele. Num outro dia, ele é seguido por um outro gato preto bem parecido com o Plutão, inclusive, ele também não tinha um olho.

O gato vai lá morar com o casal, mas os surtos do homem não param e o pobre gatinho começa a ser maltratado. Ele é chamado de monstro, como se fosse o próprio diabo encarnado.

No começo da história, o marido até fala que enxerga esses acontecimentos como puro horror, mas que outras pessoas poderiam achar que ele tava exagerando. No fim, a gente consegue entender que, na verdade, o monstro é o próprio homem.

Os gatos pretos são vistos com maus olhos desde a Idade Média, quando eram temidos pelos fanáticos religiosos da época. Na televisão e no cinema, são várias as histórias sobre gatos pretos malvados. Quem se lembra do Lúcifer, o gato preto da madrasta má da Cinderela? E o Satanás, da Bruxa do 71, do seriado Chaves?

Hoje em dia, eles ainda são alvos da superstição humana, e eu, “mãe” de um gatinho preto, tenho muito medo dele fugir por aí, principalmente na época de *Halloween*. Nunca fui uma pessoa supersticiosa e sempre achei um absurdo quem ainda tinha esse preconceito com os gatinhos.

Quando fui morar sozinha, adotei o gato que sempre quis ter e minha mãe não deixava. Fiz questão de que ele fosse pretinho e dei o nome de Jiji, por causa do filme O Serviço de Entregas da Kiki. O gatinho do filme era bonzinho, inteligente e engraçado, e

o meu Jiji fez jus ao nome. Mas, pra ser sincera, acho que esse medo irracional dos gatos pretos já tá enraizado na gente.

Uma vez, eu assisti à Lenda Urbana do Gato Preto com meus amigos, e o gato da história era um feiticeiro que atacava os donos. Voltei pra casa com um pouquinho de medo, mesmo sabendo que era besteira. Nem deixei meu gatinho dormir comigo naquela noite, e no outro dia de manhã, me senti culpada, e comecei a rir.

Fico imaginando que o Poe, depois de escrever aquele conto, virou pro seu gato e pediu desculpas falando que nunca faria aquilo com ele. Porque foi que eu pensei: “jamais faria isso com você, né, Jijizinho?”

Modernidade Soturna

Erick Gonçalves Lins

Terror. O que dizer sobre o terror? Na infância as coisas que nos aterrorizam, normalmente, estão relacionadas ao sobrenatural, ao medo da escuridão, às situações que nos colocam em uma posição de impotência presenciadas em filmes do Michael Myers, do Jason Voorhees ou do Freddy Krueger. Mas e quando chegamos à vida adulta? O que nos aterroriza?

Atualmente, muitos adultos convivem com o medo de falhar em sua vida profissional, medo de serem fracassados na sociedade, cujo sucesso é atrelado a quantidade de dígitos na conta bancária. A relação priorizada é a monetária, é o fetiche de se enxergar como um ser capaz de consumir o que estiver à nossa volta, de pensar: eu compro, logo existo!

E o que fazemos para chegar a essa condição de indivíduo consumidor, de contemplação proporcionada pelo capitalismo que nos embriaga com o seu líquido lúgubre intangível? Muitos escolhem a via convencional. Estudar, se especializar e vender a sua força de trabalho. Tantas vezes isso não é o suficiente para nos proporcionar uma vida digna ou para realizar os nossos sonhos. Então, o capitalismo nos mostra outras alternativas. Alternativas que seduzem, que alimenta a possibilidade de obter a satisfação desejada.

E esse é o meu temor. Fico aterrorizado com a ideia de que abriremos mão das nossas relações sociais, construídas a partir do vínculo, da confiança e da solidariedade com o outro em virtude da obscura financeirização do nosso convívio, dos nossos relacionamentos. A sociedade atual aceita que sejamos transformados em mercadorias, seja real ou virtual, por meio das redes sociais.

É como um buraco negro nos sugando como um simples emaranhado de matéria no universo social.

Dignidade, honra? Não importam mais! São conceitos retrógrados, cuja única função é negar a existência do progresso e do tal empoderamento. O corpo é meu e, com ele, faço o que bem entender, dizem as dezenas, as centenas, as milhares de vozes.

O capitalismo é um animal feroz. Um predador sombrio que não para até sua presa ser abatida.

E quem são as presas? Somos nós.

Contra o Tempo

João Vitor de Lima Dall'Ara

05:55. 06:00. 06:05. Todos os meus dias começam com, no mínimo, três toques do despertador pra acordar. É tão comum pra mim que eu já não sei mais se faço isso porque tenho o sono pesado ou se é pelo medo de não acordar pro trabalho. Mas, se eu tivesse que dar um palpite, arriscaria a segunda opção.

O tempo sempre me pareceu um problema. Perdoe-me, Cronos. Às vezes, sinto que vivo naqueles filmes de ação norte-americanos, em que os personagens sempre passam no último instante pela porta fechando. No limite. Mas, diferente do Tom Cruise, a minha missão impossível não é nenhuma ameaça nuclear, meu problema é comigo mesmo.

Acho que fui contaminado por São Paulo. Tenho tanta pressa que criei pequenas estratégias para ganhar tempo ao longo do dia. O meu prédio é dividido em dois blocos e eu moro no 14º andar. Sempre que chego e o elevador não está no térreo, vou pelo outro bloco para economizar tempo. Quase sempre dá certo e ganho alguns segundos.

Um dia desses cheguei em casa e fui fazer a mesma coisa, mas tinha uma senhora aguardando o elevador. Olhei pra ela. Ela me olhou. Hesitei, fiquei sem jeito e acabei esperando no térreo. Ela visivelmente ficou confusa com a minha indecisão, então eu puxei assunto e expliquei meu método. Conte para não parecer maluco, mas ela me disse algumas coisas que me fizeram refletir.

A senhora, que aqui eu vou chamar de Dona Maria, me falou que preferia esperar. Afinal, por que uma senhora aposentada teria pressa para subir na tarde de um domingo qualquer? Tudo bem, ganhei alguns segundos nesses meses morando em São Paulo, mas por que isso me deixava tão feliz?

Acho que minha missão impossível é brigar contra o tempo. Talvez o medo que tenho de não ter o suficiente faça com que queira vencer essas pequenas disputas. Somos tão reféns dele, que criar esses joguinhos contra Cronos e vencê-los é uma forma de vingança pra mim.

Hoje em dia nem uso mais relógio de pulso. Quando usava, olhava pra ele de cinco em cinco minutos com medo de estar atrasado pra alguma coisa, mesmo sem ter

compromisso marcado. Eu tinha que ficar de olho, né. Vai que não dá tempo de chegar onde eu preciso, de assistir aquela série, ler aquele livro, falar com aquela pessoa. Vai que eu não consigo terminar essa crôni...

No Breu da Insônia

Mariana Laganaro Rossi

*“Não me deixe só
Eu tenho medo do escuro
Eu tenho medo do inseguro
Dos fantasmas da minha voz”*

Quem tem problema pra dormir, sabe que a noite pode ser quase um filme de terror... mas eu bem que tento: banho quente, uma xícara de chá e cama.

Silêncio.

O quarto fica todo preto. Um escuro tão denso que não dá pra enxergar uma coisa sequer: nem o contorno dos móveis, a beira da cama, nem mesmo as minhas próprias mãos. Um silêncio tão calado que não dá pra ouvir nada. Ou, quase nada.

Será que eu tranquei a porta direito? Esqueci de comprar detergente. Será que eu vou ser demitida? Por que ele não respondeu minha mensagem? E se alguém da minha família morrer? Eu não estou preparada. Precisava comprar uma garrafa térmica para levar café. E se eu for demitida? Às vezes eu sou grossa, mas é muito sem querer... Por que eu falei aquilo? Será que eu consigo morar sozinha? É que às vezes parece que eu não sei resolver as coisas... E como vai ser o futuro? Será que eu tô doente? Amanhã tem entrega de ensaio e eu nem comecei! Será que eu não sou boa o suficiente? Tenho que acordar cedo e ainda não consegui dormir. Tô com medo de ser demitida. Esse vazio nunca vai passar?

É, não vai dar.

Caminho pela casa, mexo no celular. Da janela da sala, tudo escuro. Nenhum bar está aberto, não tem ninguém na rua. Ligo a televisão pra me distrair e, quem sabe, dormir. Minha avó só dormia com a TV ligada.

Bob Esponja: Oi, Lula Molusco! Quer fazer bolha de sabão? É só R\$ 0,25 centavos.

Desenho. Sempre me conforta, não sei o porquê. Talvez porque me lembre de uma época em que eu não enxergava muitos problemas, que eu não tinha tantas perguntas. A

minha maior preocupação era manter os olhos bem abertos para assistir o episódio até o final, sem dormir. Talvez hoje ele me ajude... ou não.

Patrick: E quanto custa?

Bob Esponja: R\$ 0,25 centavos.

Patrick: Parece razoável!

Finalmente, consigo dormir. Mas o sono logo é interrompido pelos barulhos da rua e pelo som do despertador.

Quando eu era pequena e assistia desenhos no sofá, eu, misteriosamente, acordava na cama. Hoje, eu acordo no sofá mesmo. E atrasada para preparar o café da manhã. E me arrumar. E sair pro estágio. Tudo na pressa, tudo com sono.

Eu precisava comprar uma garrafa térmica pra levar o café comigo... e vamos começar o dia de novo.

Exorcismo Automobilístico

Rian Enrique Damasceno da Silva

Existem coisas na vida que achamos que precisamos fazer quando atingimos os 18 anos. Tirar a carta de motorista é uma delas. O que ninguém conta é como a experiência é quase um filme de terror.

Para entrar nesse processo, que é uma espécie de Jogos Mortais, é preciso pagar. Depois disso, é preciso fazer o teste psicotécnico e exames médicos. Tenho minhas dúvidas sobre a funcionalidade deles. Afinal, o que não falta nas estradas de São Paulo são pessoas doentes, burras e desequilibradas mentalmente. E eu, como a maioria dos outros moradores da grande cidade, queria ser uma delas.

Em seguida, começam as aulas teóricas de direção. São mais ou menos 15 horas de ritual satânico disfarçado pelo *Zoom*.

Não consegui prestar atenção, era impossível. A voz do instrutor era devagar e as informações eram muitas. Um engarrafamento começou na minha cabeça, com buzinas, xingamentos e estresse.

Mas, de longe, a pior parte são as aulas práticas. A maioria das minhas aulas foram em noites de chuva, pois durante a manhã e à tarde, as horas do meu dia são destinadas ao trabalho.

Além disso, encontrar noites em que eu não tinha aulas da faculdade foi complicado. O instrutor fazia questão de me lembrar sempre: “é impossível ver o seu pé e os pedais no escuro.”

No primeiro dia, já tinha notado que ele parecia um personagem maligno de um filme do Jordan Peele, preparado para fazer uma lavagem cerebral em mim e me tornar um dos seguidores fiéis dos monstros de quatro rodas.

Até as últimas duas aulas achei que estava indo bem. O engarrafamento na minha cabeça que acumulava todas as regras de trânsitos, como usar retrovisores, pedais, volante, freios e marcha parecia estar mais organizado. Porém, como uma pequena chuva em São Paulo, a baliza estava prestes a atrapalhar todo o trânsito.

O instrutor me deixou sozinho no carro e me mandou parar o veículo entre dois cones. Estava chovendo e a rua estava vazia. Segui as etapas memorizadas para estacionar

o carro. Porém, na última parte, o demônio do motorista brasileiro entrou no meu corpo. Tudo ficou preto. Virei um zumbi inconsciente, desatento, com pressa e sem apreço pela minha vida ou a dos outros.

Quando voltei para mim, o pé estava no freio. O instrutor estava gritando e o carro a poucos centímetros de um muro em cima da calçada.

Eu não tinha colocado a marcha à ré e me desesperei quando o carro andou pra frente. Perdi o controle. Por pouco, consegui evitar o acidente.

Então, ali, decidi: não quero virar um dos zumbis atrás do volante que andam pela cidade. O instrutor que aplicou a prova prática no final também achou que eu não deveria ser dono de uma carteira de motorista. Concordei com a decisão e não entreguei minha alma para o diabo do automobilismo.

Acho que é uma vitória, já que poucos conseguem sobreviver a essa experiência.

VERMELHO

Ira, Raiva Vermelha

Breno Rocha Queiroz

Tive que encostar o carro para pensar um pouco. Parei para tomar um tempo pra mim, dentro dessa latinha de metal. Por que será que os piores dias parecem os mais longos?

Acordei com uma mancha vermelha bem no meio dos meus olhos. Demorou pra eu aceitar um pouco melhor o formato que meu rosto ganhou depois de adulto. Na adolescência sofria muito, e cheguei até a tomar aquele remédio perigoso e caro pra ver se minha cara aparecia mais em meio a tantos sinais de infecção na superfície. Alguns sabonetes e rotinas de limpeza depois e eu finalmente comecei a ter alguma confiança. Mas a herança genética seborreica persiste de vez em quando. É como a chuva depois de um dia quente. E minha confiança se esvai quando acordo em um dia assim, de acne e de chuva.

Me atraso tentando dar um jeito na vermelhidão, tomo uns pingos e entro no carro.

A ligação que tenho com ele é a mesma que muitos paulistanos. Um lugar de meditação, de encontro com o eu interior, pura expressão da minha individualidade. Mas, atrasado, sinto que a cidade só me mostra faróis vermelhos. E na espera do farol, vou cozinhando sentimentos patéticos também peculiares a esse paulistanismo de classe média.

Parado dá pra ouvir aquele barulho chato do motor que estou a ignorar há muito tempo.

Acho que o auto-ódio misturado com o isolamento do automóvel nos faz pensar: esse farol só ficou vermelho porque EU estou atrasado; essa velhinha só está aqui levando anos para atravessar a rua, porque EU estou atrasado; só está chovendo e o trânsito está um caos, porque EU... enfim.

Desde 2008, os neurocientistas tentam provar que existe uma ligação entre o amor e o ódio. Entre o que sentimos quando vemos um bebê e quando um motoqueiro te impede de trocar de faixa. Já até cunharam o termo “fofura agressiva”, e comprovam com testes em voluntários que as mesmas partes do cérebro são ativadas reagindo a situações assim. A hipótese é que isso serviria de estímulo para protegermos quem amamos.

Eu sou mais simples. Penso que não há algo mais elevado que o amor, e tudo que sobe tem que descer. Ninguém se sente frustrado por algo que não se importa tanto. Com paixão e raiva a vida fica muito mais interessante.

Da Cor da Vida

Danielle Alvarenga Vale da Silva

Suspiro e entro na casa alaranjada. As portas de vidro permitem que um vento gelado do ar condicionado refresque meu rosto. O calor do Rio de Janeiro fica para trás, mas eu ainda estou suando. Vou até o balcão da recepção e informo:

– Olá, vim para fazer doação de sangue.

A mulher que me atende me informa que precisa do meu documento de identidade. Ela fala sem tirar os olhos do computador. Não deve ter mais que 50 anos. Alguns fios brancos enfeitam sua cabeça.

Com as mãos trêmulas, pego minha carteira, abro e tiro o meu RG. Entrego a identificação, mas o papel cai antes que a recepcionista tenha a chance de pegar o documento. Ela finalmente olha para mim por cima dos óculos e parece entediada.

As unhas dela batem no teclado, enquanto anota os meus dados. Imprime um formulário. Eu me sento para preencher, e a letra sai tremida como se fosse de uma criança.

– Isso é besteira. Eu tenho 20 anos, não tenho nem mais idade pra isso.

Respiro fundo de novo e continuo a responder as perguntas, que vão desde a minha idade e peso até quantos parceiros sexuais tive nos últimos tempos. Eu me preparei para doar sangue, sabia o que responder. Ainda assim, rabisco a folha várias vezes e até penso em pedir um outro formulário, mas desisto da ideia. Não vou conseguir fazer nada melhor do que isso. Entrego a folha meio amassada para a recepcionista. Ela me informa que preciso esperar uma enfermeira me atender.

A espera começa a me dar agonia. A vontade é de levantar-me e ir embora, mas penso na importância do que estou fazendo. Poucos meses antes, um amigo próximo sofreu um acidente de carro e ficou em estado grave. Ele precisava de doações de sangue, mas não consegui ajudar por puro pavor. Ele quase morreu, e eu me sentia culpada por não ter feito nada. Eu me prometi que, se ele sobrevivesse, eu venceria meu pavor. Pesquisei e perguntei para todas as pessoas que conheço e que já doaram sangue.

Meu medo não era da dor. Aos 20 anos, já tinha passado por experiências mais dolorosas do que uma picada no braço. Também não era da agulha. Eu nunca entendi

porquê as pessoas sentem medo de um objeto. O problema é o sangue. Ver parte da minha vida drenada, saindo da veia esverdeada para um saco plástico. O tom do vermelho escuro, que me lembra acidentes e pessoas à beira da morte.

Por pura sorte, sou arrancada dos meus pensamentos. Eu estava prestes a me levantar e ir embora. Mas ouço alguém tossindo e vejo que é a enfermeira. Uma mulher jovem e simpática. Vamos até uma sala com paredes amarelas. Sento-me na cadeira azul, enquanto ela vai para trás da mesa e pergunta meu nome.

– Danielle Alvarenga.

Falo sorrindo para não mostrar o meu medo e acho que não consigo enganar a enfermeira. Mas ela pergunta se me sinto bem hoje e meu “sim” parece convencer. As outras perguntas são iguais às do formulário e eu respondo sem pensar muito.

Quando percebo, a enfermeira está se levantando. Ela me leva até uma nova sala, com poltronas claras e apoios de metal para os braços de quem está tirando sangue. Olho para cima e tenho a sensação de não conseguir respirar.

Sento-me na cadeira mais próxima e vejo a enfermeira entregar minha ficha para um outro enfermeiro. Ele sorri para mim e começa a preparar o material. Minha cabeça começa a girar e minha visão fica turva. É impressão minha ou estou mesmo sentindo o cheiro de sangue?

Fecho os olhos. O enfermeiro chega para colocar a agulha e, para não demonstrar meu verdadeiro nervosismo, digo:

– Tenho medo de injeção. Prefiro não ver.

Sinto a picada na pele, o que ajuda a me concentrar na dor e não no enjoo que me faz querer colocar o café da manhã pra fora. Os minutos se passam e eu percebo que estou melhorando. Talvez até consiga abrir o olho. Essa é a última coisa que me lembro.

Momentos depois, acordo no chão do hospital. Os dois enfermeiros me olham com reprovação. Olho em volta e percebo uma diferença bem chamativa: vermelho. A poltrona, que antes era bege, estava agora pintada com meu sangue. O sangue que deveria ajudar a salvar a vida de alguém. A minha vida esparramada na cadeira de um hospital.

É, acho que vou ter que encontrar outras maneiras para ajudar o próximo.

Vermelho Político

Fernando Américo Cardoso

Existe uma expressão difundida na sociedade que nunca entendi exatamente o significado. Ela sempre aparece por aí, em todos os meios de comunicação. A expressão diz: “tudo é política”.

Em uma rápida pesquisa na internet, pode-se chegar em duas ou três pessoas que teriam dito essa frase em algum momento de sua vida.

Mas foi ao senti-la na pele, sete anos atrás, que mais me aproximei do seu verdadeiro significado. É essa história que gostaria de contar.

Já houve um tempo na minha infância em que domingo era um dia morto. Um dia livre demais para fazer algum trabalho da escola, mas curto demais para alguma atividade de lazer. Era dia de ficar em casa e descansar.

Mas ao meu redor não era o que acontecia pelo país. Para milhões de brasileiros, domingo havia se tornado o dia oficial de ir às ruas e protestar, se levantar contra o Brasil que não queríamos, mesmo não estando evidente o que gostaríamos de ter no lugar.

Por meses, ruas se encheram de pessoas de verde e amarelo, da mais ampla diversidade já vista. Eram pessoas de todos os tipos de classe média alta, todos os tipos de branco na pele, pessoas de tantos sonhos arruinados, todos envolvendo uma passagem pela Disney.

Em um certo domingo desses em março, eu não estava em casa.

Meus pais e eu éramos desligados das notícias, talvez por um certo privilégio e plena ingenuidade do que acontecia no país. Não sabíamos que haveria manifestações naquele dia, afinal, sair de casa? Em um domingo?

Eles já haviam até sido convidados por amigos para ir em um desses protestos, mas nunca se animaram.

Um dos restaurantes que mais gostávamos de ir nos fins de semana ficava logo a uns 500 metros da Avenida Paulista, foco central dos protestos daquele dia. Havíamos chegado tarde, perto das 16h. Gostávamos de almoçar nesse horário, afinal, era domingo.

Ao sairmos, só pensávamos em voltar logo para casa e aproveitar o resto daquele angustiante dia que antecipava a chegada da segunda-feira.

Mas instantes depois de nosso carro deixar o estacionamento do restaurante, nos deparamos com uma enorme multidão que deixava a manifestação ali perto. Que azar. O trânsito iria nos fazer chegar em casa tarde demais para curtir o resto do dia. Logo mais, já seria hora de dormir.

Era visível que alguns manifestantes pareciam estar mais animados do que o normal. Talvez fosse a raiva, o cansaço ou simplesmente a bebida. Se fosse raiva, eu entenderia, afinal, era domingo.

Mas a raiva por um dia da semana não faz você partir para cima de um carro e começar a chutar os pneus dele.

De repente, um grupo de cerca de 20 pessoas cercava o veículo e atentava contra a única barreira que separava meus pais, eu e eles.

Meu pai começou a buzinar de maneira efusiva e ameaçou acelerar e atropelar um deles.

Não houve reação.

Eles continuavam a distribuir socos nas portas do veículo, cuspir em suas janelas e fazer gestos com a mão que sabíamos que não eram amigáveis.

Um dos homens até tentou subir em cima do carro, enquanto outro usava a haste de uma bandeira brasileira para bater no vidro do banco do passageiro, onde minha mãe estava. Isso foi o limite para meu pai.

Na primeira brecha que surgiu dentro daquela enorme multidão, meu pai acelerou e o carro disparou daquele local como em uma cena de filme.

Ao desviar do último homem, que havia paralisado e se feito de escudo humano à frente do carro, um coro entre o bando soou de forma uníssona nos ouvidos de todos.

“Comunistas! Petralhas!”

Eu deveria saber. Sair em um domingo, comer tanto, entrar naquela multidão. Isso com certeza nos fazia uns... Espera, petra-o quê?

Meu pensamento foi rapidamente interrompido pela minha mãe, curada do espanto que a tinha tomado minutos antes:

“Eu disse para não comprar um carro vermelho? Qual é o problema de comprar um carro preto ou prata como todo mundo?”

Que pergunta injusta! Como meu pai saberia que a inocente escolha da cor de um carro poderia levar a uma situação tão ameaçadora?

Eu gostava daquela cor. Gostava de imaginar que estávamos em uma Ferrari, andando por um autódromo qualquer. Era como se o carro de meu pai cheirasse a motor após passar por uma reta...

Que pergunta injusta!

De repente, a expressão misteriosa se inquietou na minha mente. Na verdade, meu pai deveria saber, ora. Afinal, todos os dias, mesmo aos domingos, cada escolha que alguém faz, seja a cor de um carro ou onde vai almoçar, querendo ou não, é política.

Experiência Imersiva: Voltando para casa

Gabriela Ferreira Lima

Dez e vinte e três.

Duas passageiras riem de um vídeo no celular. A senhora de cabelos brancos sentada no banco preferencial revira os olhos.

Dez e vinte e quatro, nós partimos.

Trabalhadores cansados. Estudantes cansados. Há conversas por todos os lados. Há também olhares pesados. Há fones de ouvidos plugados e muitos celulares nas mãos.

Próxima estação: Anhangabaú.

Escuro. Túnel. Claustrofobia.

O homem em pé ao meu lado não tira a mochila das costas. Ele não sabe que é uma regra não falada no metrô?

Dez e trinta e um.

Próxima estação: Sé.

Pessoas entram, todas juntinhas, como um bando de predadores, mas ao invés de caçar alimento, caçam um canto – qualquer canto – para se apoiarem e voltarem tranquilas para casa.

Dez e trinta e quatro.

Próxima estação: Pedro II.

Aqui também fica o terminal Parque Dom Pedro, sem o segundo, ninguém pronuncia o segundo. Suponho que Dom Pedro II ficaria meio irritado com isso.

Dez e trinta e sete.

Próxima estação: Brás.

O vagão esvazia. O homem com a mochila nas costas vai embora. As duas mulheres continuam rindo. Vejo que estão assistindo ao *Tik Tok*. Um homem na tela fala alguma coisa que não deve ser tão engraçada, porque, de repente, suas caras ficam sérias.

Deus, alguém segurou as portas. Sei que está todo mundo cansado e querendo chegar em casa, mas não dá pra esperar o próximo vagão?

Dez e quarenta.

Próxima estação: Bresser-Moooca.

Gosto desse trecho. Posso ficar olhando para a cidade. São Paulo apagando (ou metade dela apagando, porque ainda é a cidade que nunca dorme).

Dez e quarenta e três.

Próxima estação: Belém.

Uma criança começa a chorar atrás de mim. É um bebê no colo da mãe. O cara lendo um livro a direita fecha a expressão. A mãe tenta balançar o bebê, mas ele continua berrando.

Dez e quarenta e sete.

Próxima estação: Tatuapé.

Finalmente vejo a avenida e os *shoppings* que rodeiam a estação. Prédios e mais prédios. Quase consigo enxergar onde eu moro.

Dez e cinquenta.

Saio do metrô e sinto o ar quente da estação.

Estou em casa.

Mas amanhã farei o mesmo trajeto com as mesmas pessoas... ou não. Eu não vou lembrar do rosto de nenhuma delas, apesar de tê-las observado o trajeto inteiro. E elas não vão lembrar de mim.

A vida é assim em São Paulo.

Bonecas de Vidro

Guilherme Oliveira Castro

Eu sempre tive medo de bonecos. Talvez tenha sido a influência do filme *Chucky*, o Boneco Assassino, que assisti aos quatro ou cinco anos, mas tão logo conheci o caderno, abandonei qualquer tipo de brinquedo e, principalmente, qualquer boneco que minha mãe pudesse comprar. No fim das contas, não eram muitos mesmo.

O curioso é que eu sabia que havia algo escondido ali, naquele medo quase patológico de que o objeto criasse vida e tentasse me matar. E não estou falando da tanatofobia que hoje em dia é recorrente nas crises dos jovens adultos da geração Z, mas de um segredo muito bem guardado e que eu só viria a entender quando a tragédia me batesse a porta.

Essa tragédia apareceu na figura de Valmir. Ele era o namorado de Elisângela, melhor amiga da minha mãe. Tive de perguntar o nome verdadeiro à ela, porque todos a chamavam de Neta e a alcunha lhe precedia. Era uma professora empenhada, mãe superprotetora e bebum profissional.

Tinha cinco filhos, distribuídos entre casamentos distintos e uma adoção. Nenhum era de Valmir. Também pudera: indivíduo ranzinza, de poucos amigos, grosseiro e ciumento.

Eles separaram e reataram o namoro mais vezes do que mamãe me levava ao bar. E não se engane, eu já estava aprendendo a jogar sinuca aos oito. O intrigante era que, mesmo com essas idas e vindas, eles sempre estavam juntos. Ninguém gostava dele.

Nós, eu e minha família, acompanhamos essa calamitosa história de perto.

Fomos aos churrascos, às festas e aos eventos escolares. Também cedemos nossa casa várias vezes para que Neta encontrasse seus *affairs*, longe o bastante do olhar predador de Valmir. Mamãe a tinha como irmã. Eu, por outro lado, a via uma adulta maneira. O que me interessava mesmo era irritar os filhos dela, que eu julgava insuportáveis.

Como eram predominantemente mulheres, eu sempre quis estar no meio delas, mas com um quê de amargura que fluía em todas as nossas trocas. Eu queria pertencer,

mas sabia que não podia. Que expressar o que eu sentia abertamente – à época um gosto horrórico de bile no fundo da garganta – seria um pecado. E assim seguimos nos odiando.

Até que me convidaram para um chá de bonecas. Sim, eles de novo.

Neta adorava fazer teatros de comemoração. Ela era bastante criativa e animada.

Mamãe me disse:

– Nós vamos, vai ser rápido. E eu categoricamente respondi:

– Não vou! É coisa de menina!

E não fui mesmo. Era dia 18 de Setembro de 2011. Sábado.

Dia 19, Neta foi assassinada.

Domingo à noite tivemos a notícia. Ainda lembro da cena. A casa era de minha tia, estávamos confraternizando como de costume, quando alguém chegou e berrou: – A Neta tá no hospital. Acabaram de ligar.

Eu não entendi muito bem, mas sabia que algo de muito ruim tinha acontecido, já que todos que estavam ali começaram a se desesperar. Mamãe correu para o único hospital da cidade junto do meu padrinho – que nunca me batizou, fica o detalhe – e eu tive de esperar na companhia das minhas tias e prima.

Descobri, enquanto aguardava notícias, que Neta havia sido esfaqueada por Valmir. Eles tinham bebido e algo se desenrolou na mesa de bar. No caminho de um povoado distante, ele a encheu de furos de faca. A razão? Além de uma crise de ciúmes, a herança que ela tinha acabado de receber da família.

Ele fugiu, claro. E eu, nesse dia, tive meus primeiros pensamentos intrusivos severos. Imaginava uma garganta dilacerada, buracos borbulhantes e o grosso sangue vermelho descendo por uma maca acelerada. Ele não parava de jorrar. Quis chorar e pedi a Deus para que salvasse Neta. Ele não me ouviu.

Até hoje me arrependo de não ter ido parabenizar aquelas estúpidas bonecas.

Perigos Nada Aparentes

Guilherme Valle

Em diferentes contextos cores têm diferentes significados. Hoje eu vou te contar uma história sobre o vermelho – o vermelho do perigo. O perigo que se esconde nessas coisas da vida que parecem inofensivas. Até divertidas.

Quem vai contar essa história comigo, Guilherme Valle, são as outras duas testemunhas do que aconteceu. Beni e Leo. À época, jovens estudantes com uma vida inteira pela frente.

Beni começa seu relato, “a gente estava ficando lá em Santa Marta, no litoral da Colômbia, perto da onde a cordilheira encontra o mar, e aí fomos fazer um passeio pegando um táxi de lá para uma outra cidadezinha chamada Palomino”.

Beni continua, “o taxista nos deixou lá no hotelzinho. Fomos na piscina, eles ofereciam alguns passeios na região e resolvemos contratar ali um serviço de *tubbing*”.

Agora o Leo vai te contar o que é *tubbing* – “vocês sobem a montanha determinado momento e descem de boia. E aí o rio vai até o mar”.

Beni conta que “tinham duas opções nesse passeio, o *tubbing* com ou sem guia. Naturalmente achamos que era uma boa ir sem guia. Nos deram as tais das boias, que eram assim umas câmaras do tamanho de um pneu de caminhão”.

“Fomos nós três. Deixamos tudo que a gente tinha: celular, tudo, no hotelzinho. Fomos de shorts, óculos escuros e boia”, completa Beni.

Leo comenta, “quem levou a gente até a entrada da montanha foi um monte de molequinho de 15 anos de idade dirigindo moto sem capacete”.

Um detalhe que o Leo não te contou é que as motos eram vermelhas. Lembro de pensar na ironia daquela situação, o vermelho quase gritava perigo, mas demos de ombros.

Beni dá mais detalhes da aventura sobre rodas, “para começar, esses moleques já pilotavam a moto igual uns loucos, né? Eu lembro que eu passei muito medo na garupa da moto”.

“Chegamos os três inteiros lá. Os moleques falavam com sotaque de espanhol muito difícil, né? A gente já não tinha aquele espanhol fantástico, ainda falando com

sotaque é complicado, a gente não entendeu foi nada. Depois a gente foi entender né? Eles tinham dito pra gente chegar até um tal de um *canyon* seguir à direita no rio”, relata Beni.

Leo então comenta: “saímos na caminhada pela montanha”.

Beni lembra que “fomos, fomos, fomos e uma hora a gente chegou a um riachinho. A gente falou isso daqui não é canyon nenhum né, cruzamos o riachinho e vida que segue, fomos... fomos... fomos”.

“O passeio que era em torno de vinte, trinta minutos caminhando aí a gente descia a correnteza. Só que cara, a gente começou a andar e o tempo passava. E a gente não chegava no lugar”, segundo Leo.

“Meia hora, uma hora e não chegava em lugar nenhum”, diz Beni.

Leo diz lembrar “que até a mata começou a ficar um pouco mais fechada”.

“Até que, estamos no meio de uma aldeia”, lembra Beni.

Até aí tudo parecia normal, os trajes com detalhes vermelhos eram bonitos e não pareciam ameaçadores. Mas um dos líderes da tribo veio até nós tirar satisfações.

“Ele basicamente trocou algumas frases com a gente e falou que ia dar uns tiros na gente”, Beni completa.

Leo lembra das “criancinhas atrás da gente que começaram a meio que fazer sinalzinho de arma assim e fazer barulho de tiro”.

Beni continua a contar: “A gente saiu correndo e tinha um barrancão no meio do mato. Aí o que que a gente fez? A gente se jogou nesse barrancão e desceu o rio”.

Leo então relata que “quando a gente pulou no rio a gente não viu, mas estávamos bem no meio da tribo, porque a tribo percorria o rio”.

“Foi bem assustador a gente viu alguns índios nos olhando das margens do rio e pegava aquelas corredeiras, aí mano, umas horas você prendia a bunda na perna e não ia”, prossegue Beni.

“E machucando assim, porque a gente estava numa parte mais brava [do rio]”, comenta Leo.

“Mas no final das contas, a gente chegou”, conta Beni, mais tranquilo.

Leo ainda tem a memória de voltar “pela praia para entrar no *hostel* e tava o motorista que a gente tinha contratado desesperado, o recepcionista desesperado, falando onde vocês estavam? Onde vocês estavam?”.

Beni completa, “o nosso taxista estava muito assustado. Ele falou: pô, esses índios sequestram uma galera. Achei que vocês tinham sido sequestrados. E aí nesse momento caiu aquela ficha nos três, né? Ficamos super nervosos com o negócio que tinha acontecido”.

Nem sempre as cores têm os mesmos significados. E às vezes esses significados só vêm depois. Na história que você acabou de ouvir, o vermelho poderia ter ganhado qualquer outro significado, fosse diferente o desenrolar dos fatos. Mas na memória, cada detalhe em vermelho parece, hoje, gritar: perigo.

Delírio Real da Paixão

Maria Vitoria Borges de Faria

Acordo em um susto súbito, ofegante. O sangue dilatado enche minha vista com um vermelho vivo. Que graça é acordar de um sonho e se sentir no inferno?

Consgo me levantar, apesar da cabeça zozna e quente. No espelho, vejo uma sombra pálida e assustada. Mas eu me lembro da figura, nas entrelinhas do meu sonho. Uma figura que eu já tinha visto na rua. Sinto as batidas no meu peito acelerarem no momento no qual me recordo do encontro fugaz em que nossos olhos se viram pela primeira e única vez.

Tudo vem como um tornado, confuso, quente, desesperador. Me lembro de correr pelas ruas, sem achar nenhum vestígio daquela que já me parece sombra. Olho pro relógio e pro céu para tentar entender como já é quase noite. Ainda com o cansaço latente em cada fibra do meu corpo, tento recuperar os passos da noite de ontem.

Escondida entre memórias, eu a vejo novamente. Foi por um mero segundo, e já a perdi de vista. Seu rosto continua oculto, mas sua existência é real.

As dúvidas desaparecem, incineradas pela vontade de reencontrar aquele olhar e conhecer a pessoa que o carrega consigo como uma brasa preciosa. Parto para minha busca, munida de lembranças e vestígios imprecisos. Os sons intensos da rua viva, fora do meu campo de visão, não são nada se não trazem quem meu coração clama.

Eu sigo e insisto em uma procura interminável. E como não? Em toda minha vida, nunca havia experimentado tantos sentimentos tão fortes como os que senti quando a olhei. Nunca me vi tão nua, da forma mais cru da palavra, perante alguém. É como se, só com o olhar, meus erros, acertos, gostos, vícios e amores foram expostos de bandeja ao divertimento alheio. Ali eu estive, entregue. E vi, em um instante, a entrega absoluta e a força dessa troca.

Em um piscar, tudo desapareceu, fiquei sem rumo ao despejar tanto do meu amor ao vazio. Por isso não desisto da busca. Ou pelo menos, quis não desistir, até a razão falar mais alto. Ajusto meu rumo para casa, sem conseguir acreditar ainda que tudo que me moveu nos últimos dias pode ter nascido de um sonho. Como pode meu deslumbramento com a ideia da paixão ter sido mais forte que a realidade?

Chego em casa e sinto o amor que queimava como fogo ser transformado em raiva. A cada piscar de olhos, tudo fica mais vermelho. Poderia muito bem acabar com esse tormento agora; não sinto mais sentido em perpetuar minha existência.

Respiro fundo, tentando me acalmar. Vou ao banheiro, lavo meu rosto com a água mais gelada de todas, talvez ela diminua minha temperatura.

Funciona por alguns segundos. Levanto minha cabeça, pesada e cansada, olho pro espelho e tento entender em qual momento me deixei levar por calores humanos tão frívolos. Pela possibilidade de amar e ser amada. Enquanto me questiono para minha figura refletida, eu a vejo. Aqueles mesmos olhos, o mesmo calor, a mesma compreensão. O mesmo sentimento que capturei dias antes e têm tirado meu sono. Mas, como? Aqui?

Até que, mortificada, percebo. Sempre fui eu? É o meu olhar?

Referências:

Obras:

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos: Os formatos e os programas em áudio.** São Paulo: Paulinas, 2003.

BARROS MALULY, Luciano Victor [et. al.]. **Crônicas para Ler e Ouvir.** Vol. 1. São Paulo: ECA-USP, 2021. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/730/648/2404>. Acesso em: 29 de novembro de 2023.

BARROS MALULY, Luciano Victor; AZEVEDO MUÑOZ, Daniel; e OLIVEIRA TÔZO, Carla de. **Crônicas para Ler e Ouvir.** Vol. 2. São Paulo: ECA-USP, 2023. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1095/1000/3699>. Acesso em: 29 de novembro de 2023.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo.** Porto Alegre: Editora Sulina, 1980.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o Conceito de História.** São Paulo: Alameda, 2020.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra.** São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques D'aquém e D'além Mar: Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos.** São Paulo: Summus, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.

Arquivos e Hemerotecas

Universidade 93,7 – Portal Jornal da USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/sinopses/universidade-937>. Acesso em: 29 de novembro de 2023.

Universidade 93,7 – ECA-USP: <http://www.usp.br/radiojornalismo>. Acesso em: 29 de novembro de 2023.



Acesse: <http://alterjor.webhostusp.sti.usp.br/>

